

APROXIMAÇÕES EPISTÊMICO-METODOLÓGICAS ENTRE A PSICOLOGIA DISCURSIVA E A PERSPECTIVA FOUCAULTIANA DOS DISCURSOS

EPISTEMIC METHODOLOGIES FOR APPROACHES INVOLVING DISCURSIVE PSYCHOLOGY AND THE FOUCAULTIAN PERSPECTIVE ON DISCOURSE

JULIANA CATARINE BARBOSA DA SILVA¹

JAILEILA DE ARAÚJO MENEZES²

Jucatarine@gmail.com

jaileila.araujo@gmail.com

Resumo: *O presente artigo objetiva debater as possibilidades de aproximação epistêmico-metodológicas entre as concepções de discurso desenvolvidas por Michel Foucault e a Psicologia Discursiva. Utilizamos como referência as principais obras de Foucault que tematizam sobre discursos e os conceitos centrais da Psicologia Discursiva. Foucault não desenvolveu uma metodologia para a análise dos discursos, contudo ao longo de sua obra é possível observar caminhos para compreensão dos mesmos. A Psicologia Discursiva enfatiza os microdiscursos, a performatividade na produção discursiva, já Foucault foca a questão dos esquemas de produção do conhecimento de um determinado tema. Ambas as vertentes destacam a importância dos condicionantes históricos dos contextos sociais. Concluímos que as distinções entre as perspectivas teóricas não as tornam incompatíveis, porém é pertinente explorar limites e possibilidades de diálogo entre elas.*

Palavras-chave: *discurso; Michel Foucault; psicologia discursiva; metodologia; epistemologia.*

Abstract: *The present article aims to discuss the possibilities of epistemic methodologies between the conceptions of discourse developed by Michel Foucault and Discursive Psychology. We use as a reference the main books of Foucault that focus on discourses and the central concepts of Discursive Psychology. Foucault did not develop a systematic methodology for discourse analysis. For Discursive*

¹ Professora adjunta do curso de Psicologia da Universidade de Pernambuco. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (Gepcol), Recife – PE. Brasil.

² Professora doutora do Departamento de Psicologia e Orientações Educacionais do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (Gepcol), Recife – PE. Brasil

Psychology, the focus is on micro discourses that are born in the process of interaction between people. For Foucauldian interpretation of interlocutions, the emphasis comes about through the question of schemes of knowledge production from a particular subject. Furthermore, one must highlight the important role that both angles give to historical determining factors for the construction of social contexts. We conclude that the distinctions between Foucault and Discursive Psychology does not make them incompatible.

Key words: *discourse; Michel Foucault; discursive psychology; methodology; epistemology*

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva debater as possibilidades de aproximação epistêmico-metodológicas entre as concepções de discurso desenvolvidas por Michel Foucault e a Psicologia Discursiva de orientação inglesa, cujos principais expoentes são Jonathan Potter e Margareth Wetherell.

Essas duas correntes de pensamento emergiram em um momento histórico e cultural marcado por significativos investimentos das ciências humanas e sociais no campo da linguagem. Esse movimento, conhecido como "giro linguístico" ou "virada linguística", promoveu um deslocamento dos estudos das "ideias" - voltados para um discurso mental de caráter privado - para as análises dos enunciados linguísticos da esfera pública (GRACIA, 2005).

Nesse sentido, a linguagem deixa de ser considerada como um simples instrumento de representação da realidade, para ser pensada como um elemento de dinamização do social. Tal compreensão impacta nos processos de subjetivação sendo estes perpassados pelas práticas discursivas.

As perspectivas teóricas aqui analisadas apresentam propostas distintas com relação a sua visão do sujeito, papel do discurso na sociedade e foco das propostas de análise da linguagem. A perspectiva foucaultiana sobre os discursos nos convida a observar o macrodiscurso, a partir de sua construção histórica, das relações que o mesmo estabelece entre o saber, a verdade, o poder e os processos de subjetivação. (FOUCAULT, 2013a, 2013b, 2013c).

Da Psicologia Discursiva trouxemos como principais referências sua ênfase sobre os microdiscursos da linguagem em processo de ação e interação. Consideramos também a proposta dos teóricos da Psicologia Discursiva no que se refere à performatividade na produção discursiva, ou seja, os modos como os sujeitos constroem seus discursos e os efeitos que estes produzem sobre seus ouvintes. (DAVIES E HARRÉ, 2001; KENNETH GERGEN, 1985 e 1999; MICHAEL BILLIG, 1991; POTTER E WETHERELL, 1987).

Destacamos que as especificidades apresentadas pelas duas perspectivas teóricas não as tornam incompatíveis, porém é pertinente que possamos estabelecer suas distinções e aproximações, explorando limites e possibilidades de diálogo entre elas.

A EPISTEME DOS DISCURSOS EM MICHEL FOUCAULT.

Mesmo que não tenha desenvolvido um método para observação dos discursos nos moldes tradicionais, Foucault contribuiu com possibilidades de pensar a forma como esses circulam no contexto social. Veiga-Neto (2009) ratifica essa ideia ao afirmar que se buscarmos enquadrar as produções foucaultianas em visões tradicionais, em modelos "hard" (p.87) de produção do conhecimento científico, não encontraremos, de fato, teorias e métodos em seus trabalhos, dada a maneira ampla e pouco ortodoxa com que ele conduzia suas pesquisas. Contudo, ao nos propormos a ver suas ideias de modo "amplo/soft" (p.87), encontraremos teorias e métodos em seus escritos.

Para Bert (2013), a análise de discurso proposta por Foucault não estabelece hierarquias entre os enunciados, pelo contrário, foca sua análise na procura por regularidades, irregularidades e rarezas. Pontua ainda que os discursos só seriam analisáveis quando se busca as relações contextuais que são sua condição de existência, tais como instituições, processos econômicos e sociais, modos de comportamento, sistemas de técnicas e tipos de classificações (p.182).

A ideia central que buscaremos desenvolver aqui é que para Foucault (2013a), os discursos definem regimes de verdade, delimitando o que é verdadeiro do que não pode ser considerado como tal. Para ele, a verdade dá-se em enunciados inventados, logo não estão postos no mundo como plano de evidência natural. Interessa-nos, na obra de Foucault, sua crítica genealógica dos discursos, dos jogos de verdade, daquilo que se afirma e se nega.

O autor demarca ainda que os discursos se distribuem em vários níveis na trama social, as relações que estabelecem entre os sujeitos falantes e ouvintes, as instituições que os representam, ou mesmo a disposição dos enunciados fazem parte da atribuição desses regimes de verdade. É importante destacarmos, contudo, que apesar de considerar os discursos como parte da sociedade, Foucault (2014) não os observa ancorados em lugar algum, ressalta que eles estão difusamente distribuídos pelo tecido social e marcam o pensamento de cada lugar e época, constituindo subjetividades historicamente delimitadas.

Assim, para Foucault (2013a), o discurso não é apenas o modo de expressão dos sentidos que são produzidos na experiência cotidiana, "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas, ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar" (p.10). Nesse sentido, cabe àqueles que se propõem a analisar o discurso observá-lo como algo que vai além de uma relação mecânica com o poder, considerando-o como elemento que faz parte de um jogo complexo que vincula poder, saber, sujeito e verdade.

O autor buscou descrever como o poder se articula com o saber e se sustenta como verdade na sociedade (FOUCAULT,2014). Ao observar as relações entre poder e discurso, Foucault (2013a) identifica três sistemas de exclusão que atingem os discursos: interdição, separação, e vontade de verdade. O último sistema é permeado pelos dois primeiros e é uma definição importante para as reflexões desenvolvidas aqui.

A vontade de verdade, além de estar sustentada pelo suporte institucional - as bibliotecas, centros de pesquisa, entre outras, também é reconduzida pela forma como em uma sociedade o saber é aplicado, "como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído" (FOUCAULT, 2013a, p.17). A vontade de verdade, que na idade clássica tinha como base o sistema jurídico, para o autor, na atualidade, é legitimada pelos especialistas dedicados às leituras da coletividade e dos comportamentos - sociólogos, psicólogos, médicos, psiquiatras - compondo um discurso verdadeiro que complementaria a palavra da lei. Foucault (2013a)

esclarece ainda que essa vontade de verdade não pode ser confundida pela busca do universal, mas consiste nos mecanismos que excluem todos aqueles que tentam contornar as verdades legitimadas pelos sistemas de saber de uma época.

Dessa forma, o olhar sobre os discursos proposto pelo autor não privilegia o saber científico em detrimento de outras fontes de conhecimento, critica assim a perspectiva evolucionista que insiste em estabelecer distinções valorativas entre o saber/conhecimento popular e o conhecimento científico (MACHADO, 2012). Afirma, desse modo, a heterogeneidade de discursos que circulam na sociedade como elementos que compõem o mundo.

Para Fisher (2001), a proposta desenvolvida por Foucault convida a analisar as relações históricas das práticas discursivas e operar com as modalidades de existência delas; observar e descrever como os discursos circulam, quais valores de verdade são atribuídos a eles e como são apropriados pelas pessoas e grupos. Ao dimensionar o discurso como acontecimento, o autor enfatiza as rupturas, tensões, os jogos e as disputas entre o vigente e o quer se firmar como novo.

A construção da verdade perpassa por vários processos, faz circular por diversas instâncias sociais, englobando aquilo que Foucault (2005) chama de dispositivo, que é descrito como uma rede heterogênea que irá interligar os discursos, as instituições, as edificações físicas e simbólicas, as normas, as leis, as regras, etc. Os discursos que circulam nessas instâncias sociais permitem visualizar o complexo jogo de relações que concedem a justificativa de determinadas práticas ou ações em detrimento de outras, possibilita ainda a reinterpretação de saberes, instaurando novos campos de racionalidade.

Deleuze (2005), ao estudar a obra de Foucault, destaca que o saber tem por objeto as multiplicidades, "a multiplicidade exata que ele mesmo descreve, com seus pontos singulares, suas unidades e suas funções" (p.30). Desse modo, práticas discursivas formariam saberes que nem sempre estão orientados para a produção de uma ciência. Mas é através do estudo dessa multiplicidade que poderemos compreender por que um dado fato ocorreu aqui, nessa época, e não em qualquer outra época ou lugar, mesmo com condições muito próximas de possibilidade.

Observamos até aqui a centralidade do discurso na obra de Foucault, principalmente no que toca as possibilidades de compreensão dos contextos históricos e sociais, enfatizamos que sua perspectiva irá perguntar pelas condições para que um determinado campo discursivo emergja, rompa com o vigente e se afirme como verdade. Tal ênfase permite a visualização de caminhos metodológicos na obra do autor com os quais buscaremos estabelecer paralelos com a Psicologia Discursiva.

A PSICOLOGIA DISCURSIVA

A Psicologia Discursiva possui como característica um triplo engajamento: teórico, metodológico e conceitual (POTTER, 2003). Tal corrente de pensamento considera a linguagem como algo que vai além da simples expressão, tendo também a capacidade de constituir experiências e subjetividades (JORGENSEN E PHILLIPS, 2002). Segundo Antaki et al (2003) o tipo de análise do discurso proposto pela Psicologia Discursiva não é composto por um passo a passo de procedimentos, o que se propõe é um conjunto teórico que tematiza sobre a linguagem, seus usos e seu papel na construção do social. Potter e Edwards (2001) pontuam que o discurso falado ou escrito deve ser analisado como prática social, ou seja, ele deve ser, ao mesmo tempo, contemplado como objeto e como prática. Os autores explicam ainda que,

sob a perspectiva da Psicologia Discursiva, o discurso é definido a partir de três características principais: ele é situado, isto é, não deve ser analisado fora de seu contexto; ele é orientado para ação; e ele é construído socialmente.

Potter e Wetherell (1987) afirmam que a Psicologia Discursiva possui como base teórica três correntes de pensamento: a teoria dos atos de fala, representada por John Austin (1955); a etnometodologia, desenvolvida por Harold Garfinkel (1987); e a semiologia cujo principal expoente é Ferdinand de Saussure (1857-1913). Devido às dimensões do presente texto, não aprofundaremos as supracitadas teorias, porém ressaltamos suas fortes influências para o desenvolvimento da Psicologia Discursiva.

Para a referida teoria, a linguagem não é vista como um meio neutro de refletir ou descrever o mundo, mas como elemento ativo da construção social (GILL, 2002). De acordo com Wetherell e Potter (1992), na perspectiva desenvolvida pela Psicologia Discursiva, o discurso é tratado como “um potente meio orientado para a ação, e não um canal transparente de informação” (p.3). Dessa forma, o discurso dos participantes de uma pesquisa, ou os textos a serem analisados, são considerados como “aproximações em seu próprio direito” (p.3) e não como um caminho alternativo para se adentrar em elementos supostamente mais profundos como as atitudes, eventos ou processos cognitivos.

Três conceitos apresentam-se de fundamental importância para que possamos compreender a perspectiva teórica em tela, repertórios interpretativos, variabilidade e posicionamento. Para Potter e Wetherell (1987), repertórios interpretativos seriam recursos discursivos disponíveis no contexto cultural, que são utilizados pelas pessoas para construir acontecimentos, ações, justificativas. Os repertórios são ainda conjuntos de termos que se relacionam entre si e obedecem a uma certa coerência gramatical e estilística. Tais repertórios não estão atrelados a determinados grupos sociais, os mesmos circulam pelas mais diversas situações cotidianas e podem ser utilizados pelos mais diferentes grupos, nos mais diferentes contextos. Nesse sentido, grupos distintos podem possuir repertórios similares e no mesmo grupo social, ou porque não dizer em uma mesma pessoa podem coabitar distintos repertórios sobre um mesmo tema (POTTER E WETHERELL, 1987).

A variabilidade presente nos discursos, por sua vez, não é vista como um aspecto negativo para os psicólogos que trabalham com a análise do discurso, pois não se espera que o discurso de uma determinada pessoa seja sempre coerente e consistente. Diferente de vertentes mais cognitivistas, que buscam características universais para o funcionamento do psiquismo humano e acabam subestimando os componentes sociais desse processo, a Psicologia Discursiva argumenta que a forma como nós compreendemos e caracterizamos o mundo não é universal, mas sim social e historicamente contextualizada. (POTTER E WETHERELL, 1987).

Para Michael Billig (1991), a variabilidade é o reflexo, no discurso da pessoa que a produz, das distintas concepções que estão em conflito no interior de uma dada sociedade. As possibilidades de variações discursivas das pessoas são consequência dos distintos temas em circulação nos contextos sociais nos quais elas estão inseridas.

Ao considerarmos que cada pessoa vai se utilizar de distintos repertórios de acordo com o lugar que ocupa no jogo discursivo, podemos observar também a noção de posicionamento que se refere à mobilidade fluída com que cada uma irá circular na sociedade ocupando diferentes posições e, por conseguinte, adotando distintos repertórios. O conceito de posicionamento rejeita a noção de estrutura, compreendendo a pessoa como agente que circula, nem sempre de forma consciente, por diferentes contextos sem se estruturar de forma rígida ou

fixa. Assim, no jogo social a linguagem ganha ação e assume um caráter performático (SPINK, 2004).

Bronwyn Davies e Rom Harré (2001) afirmam que nos diversos lugares que ocupam, as pessoas tanto se autoposicionam - posicionamento reflexivo – como também posicionam o outro – posicionamento interativo. Desse modo, podemos observar que uma pessoa, ao se relacionar com outras, encontra-se em um constante jogo de posicionamento que assume distintas características de acordo com os diferentes espaços que ocupa.

Nesse momento, é importante que deixemos claro que não buscamos, com o estudo dos distintos posicionamentos de uma pessoa em um dado contexto, apreender verdades ou falsidades em torno de suas construções discursivas. Nosso principal objetivo é observar como as pessoas manejam e compreendem as descrições e fatos que produzem (POTTER, 1998). Para Davies e Harré (2001) toda interação envolve algum tipo de posicionamento. Um simples questionamento, por exemplo, já exige de nosso interlocutor algum tipo de posicionamento.

Ressaltamos por fim, que a Psicologia Discursiva não propõe uma análise que objetive categorizar pessoas em grupos específicos como racistas, ecologistas ou nacionalistas, visa, contudo, identificar as práticas discursivas por meio das quais as categorias e as subjetividades são construídas. Tais práticas buscam contextos de variabilidade, focam o conteúdo do discurso e visibilizam os processos de interação social, não os vendo apenas como reflexos de processos psicológicos subjacentes (JORGENSEN E PHILLIPS, 2002). Para Potter e Wetherell (1987), o único processo psicológico a ser considerado pelos analistas da Psicologia Discursiva deve ser a negociação entre as diversas vozes disponíveis, nesse contexto recolocam os fenômenos intrapsíquicos no âmbito interpessoal.

ALGUNS DIÁLOGOS ENTRE A PSICOLOGIA DISCURSIVA E A PERSPECTIVA FOUCAULTIANA DOS DISCURSOS

Ao adentrarmos nas duas concepções aqui discutidas observamos que ambas possuem aproximações e distinções que, sob nosso ponto de vista, auxiliaram-nos a ampliar o olhar sobre o estudo dos discursos e suas multiplicidades. Buscaremos, a partir de agora, enfatizar algumas dessas características, ressaltando, contudo, que não é possível, e foge aos nossos objetivos dar conta de todas as confluências e distanciamentos entre as duas teorias.

Foucault foi um filósofo que não primou pelos rótulos, tendo múltiplas formações acadêmicas, não se apresenta como um teórico construcionista ou mesmo um pós-estruturalista, e muitas das tentativas para defini-lo foram empreendidas por seus interlocutores. Para Dreyfus e Rabinow (2013), Foucault, ao longo de sua obra, tentou evitar análises estruturalistas que se distanciavam da noção de sentido; rejeitou o projeto fenomenológico de "ligar todo sentido à atividade de dar sentido de um sujeito autônomo e transcendental" (p. XXIII); e por fim, evitou ainda "(...) a tentativa do comentário de ler o sentido implícito das práticas sociais, assim como o desvelar feito pela hermenêutica de um sentido diferente e mais profundo do qual os atores sociais têm mais uma vaga consciência" (DREYFUS E RABINOW, 2013, p. XXIII).

No que toca à Psicologia Discursiva, observamos um surgimento bastante situado e uma frequente explicitação de suas origens e influências. Grande parte dos textos que tratam sobre o tema descrevem a Psicologia Discursiva como um modo de análise de discurso que se localiza no interior do movimento construcionista, com foco na linguagem, situada ainda em vertentes pós-modernistas e pós-estruturalistas. (DAVIES E HARRÉ, 2001; KENNETH GERGEN, 1985 e 1999; MICHAEL BILLIG, 1991; POTTER E WETHERELL, 1987).

Observamos que tanto a perspectiva Foucaultiana quanto a Psicologia Discursiva foram alvo de críticas severas por parte de seus interlocutores, fator que não deve ser compreendido como uma depreciação, mas como reiteração de que nenhuma teoria pode ser considerada completa.

Com relação a Michel Foucault, algumas das críticas a sua teoria estão voltadas para a pouca estruturação de seu método de pesquisa, ou mesmo para as mudanças conceituais que o autor faz ao longo de sua obra. Alguns críticos de suas ideias, como por exemplo Spivak (2010), apontam que o pesquisador produz uma visão de mundo eurocêntrica, tendo sempre o sujeito ocidental como referência, e pouco refletindo a respeito disso ao longo de seus trabalhos. Contudo, é possível identificar na obra de Foucault (2006) uma proposta crítica quando ele destaca que não cabe ao pesquisador falar pelos outros, ou mesmo decidir o que deve ser feito nas situações de desigualdade, sendo o papel dele trabalhar contra formas de poder, em espaços onde este é objeto e instrumento desses mecanismos "na ordem do 'saber', da 'verdade', da 'consciência', do 'discurso'" (FOUCAULT, 2006, p. 39).

No que se refere à Psicologia Discursiva, uma das advertências mais frequentes diz respeito ao caráter relativista do termo construção social, essa crítica é também dirigida ao próprio construcionismo - do qual a perspectiva deriva. Algumas reflexões sobre esse debate podem ser encontradas nos textos de Rasesa e Japur (2005) e Weatherall (2012). Jorgensen e Phillips (2002) criticam ainda a Psicologia Discursiva pela pouca reflexão que seus teóricos realizam sobre as diferentes possibilidades de acesso das pessoas aos discursos. Assim como pela falta de detalhamento de suas análises com relação à produção, reprodução e transformação dos discursos através das particularidades linguísticas.

Uma primeira aproximação que pode ser feita com relação à Psicologia Discursiva e à perspectiva foucaultiana é a primazia pela leitura do discurso em si, não buscando nada para além do texto. As duas perspectivas não buscam identificar quais discursos são verdadeiros e quais discursos são falsos, estão focadas na compreensão de como eles são construídos para se apresentarem como verdadeiros ou como falsos. Ambas concordam que o discurso tem papel central na construção do social, contudo, abordam a questão em dimensões distintas (JORGENSEN E PHILLIPS, 2002).

Michel Foucault problematiza em sua obra a episteme como condição de possibilidade histórica para a produção discursiva, assinala alguns dispositivos, mas não se compromete com uma análise discursiva propriamente dita. O discurso é central em sua obra numa pergunta sobre esquemas de produção de conhecimento sobre um determinado tema, aspectos históricos de uma produção discursiva que surgem e têm funcionalidade num período e não em outro. Na Psicologia Discursiva, observa-se uma centralidade do discurso que se desdobra em técnicas, em perguntas específicas para o texto que podem ser respondidas a partir da observação do modo como o discurso é construído e apresentado. Enquanto a Psicologia Discursiva irá perguntar ao discurso como ele funciona para operacionalizar as coisas, a perspectiva foucaultiana irá perguntar pela via do discurso sobre a produção de uma episteme.

A visão de discurso proposta por Foucault se distancia da Psicologia Discursiva ainda no que compete aos aspectos ideológicos. Enquanto a primeira rejeita o conceito de ideologia e nega que o contexto social no qual o sujeito está inserido condiciona ideologicamente o surgimento do discurso, a segunda apresenta um interesse sobre os efeitos ideológicos das práticas discursivas. A Psicologia Discursiva aproxima-se das propostas marxistas também no que se refere aos padrões de dominação que algumas classes sociais exercem sobre as outras. Contudo, tal aproximação com o marxismo não faz com que a teoria discursiva se afaste das

ideias de poder desenvolvidas por Foucault, tendo seus teóricos também discutido sobre a questão do poder enquanto relação (JORGENSEN E PHILLIPS, 2002).

Jorgensen e Phillips (2002) afirmam que muitos dos psicólogos que se utilizam da Psicologia Discursiva não apresentam um interesse particular pela forma como certos discursos que circulam na sociedade constroem os sujeitos, sendo os discursos considerados como recursos que estão disponíveis e podem ser livremente utilizados pelas pessoas. As autoras pontuam também que a Psicologia Discursiva subestima os acessos ou restrições que determinados grupos apresentam com relação aos discursos. Para Foucault, o discurso faz parte do mundo constitutivo dos sujeitos, não sendo possível posicionamento fora dele; o discurso é apresentado ainda como articulado aos regimes de verdade que atuam nas relações saber/poder e que possibilitam os processos de subjetivação. (VEIGA-NETO, 2007).

Nesse sentido, observamos que ambas as perspectivas, foucaultiana e da Psicologia Discursiva, veem o sujeito como criado a partir dos discursos. No entanto, destacamos um grau de diferenciação quanto à liberdade de ação que cada abordagem permite ao sujeito dentro do discurso. Correndo o risco de sermos simplistas, podemos dizer que enquanto para Foucault o sujeito é formado pelas estruturas e efeitos do discurso, para a Psicologia Discursiva, as pessoas são mestres e escravas dele.

Na Psicologia Discursiva, os repertórios interpretativos são encarados como ferramentas presentes no contexto social e utilizadas pelos indivíduos. Quando são identificadas consistências ou inconsistências nos discursos produzidos, essas características não estariam nas pessoas, mas nos repertórios - um recurso social pertencente a todos que partilham uma dada cultura. Esse processo de utilização dos repertórios pelas pessoas é considerado uma análise do microdiscurso (NOGUEIRA, 2001). O interesse foucaultiano, por sua vez, está nas condições de existência dos discursos - institucionais, históricas - e na posição que o sujeito ocupa no interior deles (FOUCAULT, 2014).

Outro ponto de diálogo entre as duas perspectivas teóricas se refere ao debate sobre os atos de fala ou *speech act*, conceito apreendido pela Psicologia Discursiva a partir da obra de Austin(1955). Foucault (2014), ao debater sobre as funções do enunciado, afirma que estes não seriam iguais aos atos de fala dos analistas ingleses. Contudo, em momento posterior, o autor, ao se corresponder por meio de cartas com John Searle - sistematizador da teoria dos atos de fala descobertos por John Austin-, admite a proximidade entre os enunciados e os atos de fala. Searle e Foucault concordam com a existência de um sentido literal para os atos de fala e para os enunciados, fator que os isentaria da busca por um sentido profundo no discurso (DRAYFUS & RABINOW, 2013).

No entanto, para Dreyfus e Rabinow (2013), a principal questão que faria Foucault "negligenciar" as aproximações entre enunciados e atos discursivos seria a diferença de interesses entre o autor e os pesquisadores ingleses. O foco das pesquisas do primeiro, diferentemente das propostas destes últimos, não seriam os atos discursivos cotidianos e sim os:

(...) atos discursivos separados da situação local de asserção e do fundamento cotidiano comum a fim de constituir um campo relativamente autônomo. (...) Tais atos discursivos ganham sua autonomia depois de serem aprovados em uma espécie de teste institucional, como regras do argumento dialético, interrogação inquisitória ou confirmação empírica. (DRAYFUS & RABINOW, 2013, p. 62)

Um último ponto que destacamos, com relação às fronteiras entre as duas perspectivas teóricas, refere-se ao papel e implicações do pesquisador diante do ato de pesquisar. A Psicologia Discursiva, afastando-se de ideais positivistas, defende a impossibilidade de uma neutralidade no ato de pesquisar. Nesse contexto, situar as correntes teóricas e visão de mundo do pesquisador é um modo de alcançar uma objetividade possível durante a produção de conhecimentos. Outra postura adotada por esses teóricos é a inclusão das ações do pesquisador durante a construção da pesquisa, tal postura implica, por exemplo, considerar as entrevistas um processo dialógico, recomendando a transcrição e estudo também das falas do entrevistador na análise dos dados (POTTER E WETHERELL, 1987).

Com relação à perspectiva foucaultiana, como mencionado anteriormente, não encontramos um passo a passo metodológico ao longo de suas obras, mas várias reflexões que nos auxiliam a construir questionamentos e nos inspiram na produção de conhecimentos. Foucault (2010) enfatiza que muitas das escolhas metodológicas precisam ser realizadas após o delineamento do objeto de estudos. Hüning (2014) afirma que um estudo construído dentro da proposta foucaultiana deve centrar-se na reflexão sobre como "determinadas questões são formuladas e se constituem como problema no campo das práticas, no campo político e no campo do conhecimento" (p. 125). Para a autora, destaca-se na obra de Foucault a busca de "uma análise da complexidade da relação entre discurso e as instituições que o instauram e legitimam" (p. 141).

Tendo considerado alguns dos principais limites e aproximações entre a Psicologia Discursiva e a leitura de Foucault com relação aos discursos, esperamos que nossos interlocutores tenham visualizado conosco possibilidades de aproximações epistêmico-metodológico entre as teorias em tela. Ratificamos que não partimos de uma visão do conhecimento como totalizante, pois não acreditamos que uma única teoria possa contemplar um objeto em sua complexidade. A possibilidade de conciliar múltiplas vertentes teóricas pode ser uma forma de ampliar o olhar sobre os fenômenos, sem pretensões, contudo de dar conta de todas as suas facetas.

REFERÊNCIAS

- ANTAKI, C. et al. Discourse Analysis Means Doing Analysis: A Critique of Six Analytic Shortcomings. Discourse analysis online, 2003. Disponível em: <<http://extra.shu.ac.uk/daol/articles/open/2002/002/antaki2002002-paper.html>>. Acesso em: 30 out. 2020. AUSTIN, John. L. Cómo Hacer Cosas con Palabras. Edición electrónica. Disponível em: http://revistaliterariakatharsis.org/Como_hacer_cosas_con_palabras.pdf ; Acesso em: 25 jan. 2009.
- BERT, Jean-François. Pensar com Michel Foucault. (M. MARCIONILO, trad.) São Paulo: Parábola, 2013. 215p.
- BILLIG, Michael. Ideology and opinions: Studies in Rhetorical Psychology. London: Sage Publications, 1991. 224p.
- DAVIES, Bronwyn.; HARRÉ, Rom. "Positioning: the discursive production of selves". In: WETHERELL, TAYLOR AND YATES (org). Journal for the theory of social behavior. London: sage, 2001. Disponível em: <http://books.google.com.br> . Acesso jun. 2009.
- DELEUZE, Gilles. Foucault. (C. S. A. MARTINS, trad.) São Paulo: Brasiliense, 2005. 143p.

DREYFUS, Hubert. L., RABINOW, Paul. Michel Foucault: Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. (2. ed. V. PORTOCARRERO; G. G. CARNEIRO. trad.) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. 348p.

FISHER, Rosa. M. B. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 114, p. 197-223, 2001.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. (21. ed. R. MACHADO, trad.). Rio de Janeiro: Graal, 2005. 295 p.

_____. Estratégia, poder-saber. Ditos e Escritos IV. (2.ed. M. B. MOTTA, trad.) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 396 p.

_____. Em defesa da Sociedade. (2. ed., M. E. GALVÃO, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2010. 269p.

_____. A ordem do discurso. (23ª ed., L. F. A. SAMPAIO, trad.). São Paulo: Edições Loyola, 2013a. 74p.

_____. História da sexualidade 1. A vontade de saber. (23ª ed., M. T. C. ALBUQUERQUE e J. A. G. ALBUQUERQUE, trad.). Rio de Janeiro: Graal, 2013b. 176p.

_____. O sujeito e o Poder. in: DREYFUS, H. L., RABINOW, P. Michel Foucault: Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. (2ª ed.V. PORTOCARRERO; G. G. CARNEIRO. trad.) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013c. p.273-295.

_____. A arqueologia do Saber (8ª ed. L. F. B. NEVES, trad.) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. 254p.

GARFINKEL, Harold. Studies in Ethnomethodology. Cambridge England: polity Press, 1987.

GERGEN, Kenneth J. The social constructionist movement in modern psychology. American Psychologist, vol. 4 nº3, p.266-275, 1985.

_____. An invitation to social construction. Londres: Sage, 1999.

GILL, Rosalind. Análise do Discurso. In GASKELL, George (Eds.) .Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. (P. A. GUARESCHI, trad.).Petrópolis: Vozes, 2002.p. 244-270.

GRACIA, Tomás. I., O "giro Lingüístico". In: IÑIGUEZ, L. Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais. (2ªed. V. L. JOSCELYNE, trad.). Petrópolis: Vozes, 2005. p. 19-49.

HÜNING, Simone. M. Foucault e o enfrentamento de assimetrias na pesquisa em psicologia. In: GUARESCHI, Neuza. M. F.; HÜNING, Simone. M.; AZAMBUJA, Marcos. A. (ORG.) Foucault e a Psicologia: na produção de conhecimento. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014, p.125-146.

JORGENSEN, Marianne. ; PHILLIPS, Louise. J. Discourse Analysis as Theory and Method. Thousand Oaks: Sage, 2002. 229p.

MACHADO. Roberto. Foucault, a ciência e o saber. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 202 p.

NOGUEIRA, Conceição. A análise do discurso. In: ALMEIDA, L. ; FERNANDES, E. (Org.). Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação. Braga: CEEP, 2001.

POTTER, Jonathan. Representing reality: Discourse, Rhetoric and Social Construction. London:Sage, 1998. 253p

_____. Discursive Analysis: between method and paradigm. *Discourse & Society*, London: Sage, v. 14, n. 6, p. 783-794. 2003.

POTTER, Jonathan. EDWARDS, Derek. Discursive Social Psychology. In: ROBINSON, W. Peter.; GILES, Howard. *The New Handbook of Language and Social Psychology*. Chichester, John Wiley & Sons, 2001

POTTER, J Jonathan. WETHERELL, Margaret. *Discourse and Social Psychology: beyond attitudes and behaviour*. London: Sage, 1987.

RASERA, Emerson. F.; JAPUR, Marisa. Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a psicologia. *Cadernos de Psicologia e Educação*, São Paulo, v.15, n. 30, p. 1-9, 2005.

SPINK, Mary. J. (org). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: Aproximações teóricas e Metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2004. 296p

SPIVAK, Gayatri. C. *Pode o Subalterno Falar?* (ALMEIDA, S. R. G.; FEITOSA, M. P.; FEITOSA, A. P., trad.). Belo Horizonte: UFMG, 2010. 133p.

VEIGA-NETO, Alfredo. Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v.34, p. 83 - 94, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 159 p.

WEATHERALL, Ann. Discursive psychology and feminism. *British Journal of Social Psychology*, London, v. 51, p.463–470, 2012

WETHERELL, Margaret.; POTTER, Jonathan. *Mapping the language of racism: Discourse and the legitimation of exploitation*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf. 1992. 241p.

Artigo recebido em: 31/01/2019

Aprovação final: 14/11/2020

DOI: 10.35501/dissol.vi12.543